

CINEMA

A premiação do fotograma que cheira a Nordeste

Vladimir Carvalho ganha o Coral em Cuba e filma uma Brasília tão emperrada como o cinema brasileiro

No Carnaval de 1959, no local onde hoje está a Vila Paranoá, os operários da construtora Pacheco Fernandes Dantas, trazidos de todos os cantos do País para a construção de Brasília, também conhecida como *Nova Capital*, ou *Capital da Esperança*, ou mesmo *Cidade do Século XXI*, viveram momentos de tensão. Dias antes, eles haviam reclamado da qualidade da comida servida nas cantinas improvisadas ao lado dos canteiros de obra. Em seguida revoltaram-se quando os canos que levavam a água até os chuveiros foram cortados para que os operários não saíssem às ruas em dia de folia. O protesto foi organizado e entrou em cena a Guarda Especial de Brasília, a temida GEB, também conhecida como *bate-pau*. Foi quando a GEB chegou ao acampamento que houve o massacre.

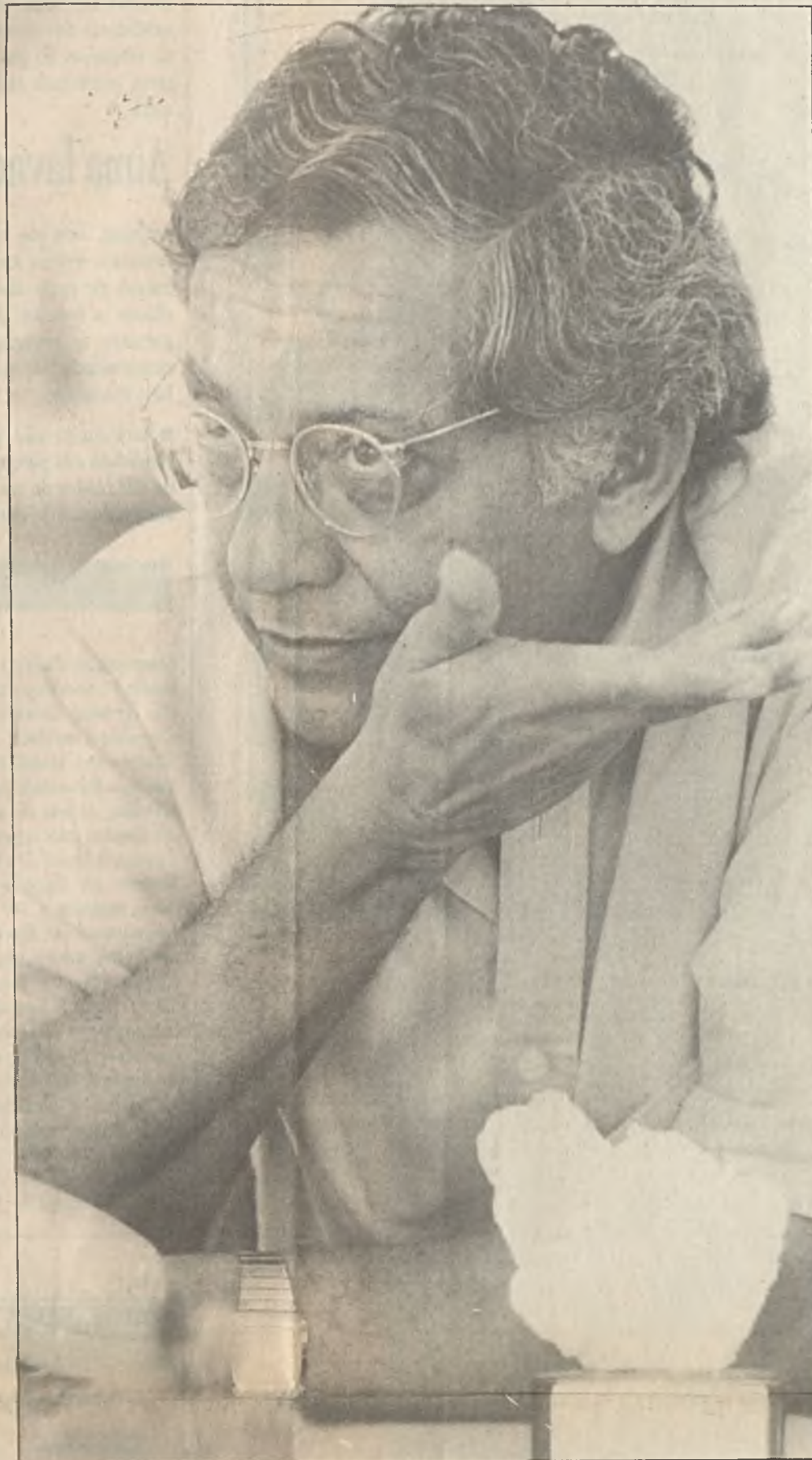
Dezenove anos, Cr\$ 193 milhões e 60 horas de filme depois, o cineasta Vladimir Carvalho completou o seu filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*, que, se era para mostrar a história da construção da Capital da República e o desterro dos seus operários, acabou tendo como núcleo o massacre da Pacheco Fernandes Dantas, de que muito pouco se fala hoje e sobre o que há pouco — quase nenhum — registro oficial. O esforço, no entanto, de reduzir para duas horas e 55 minutos um material de 60 horas completas, empreitada feita às duras penas, quase como obsessão pessoal, começa a mostrar resultados: *Conterrâneos Velhos de Guerra* acaba de ganhar, em Havana, Cuba, o Prêmio Especial do Júri do XIII Festival Internacional del Nuevo Cine Latinoamericano. “O primeiro prêmio internacional merecido por um filme brasileiro”, festeja o diretor.

O título de seu quarto longa-metragem tem razão de ser. “Os con-

terrâneos velhos de guerra” são, em sua quase maioria, nordestinos como o cineasta. Vladimir Carvalho, 56 anos, 23 deles vividos em Brasília, sempre na UnB, é paraibano e leva a sua terra natal em consideração quando se põe a filmar. Não basta que ele diga que “meu trabalho está umbilicalmente ligado ao povo e isto já se tornou um vício de que não posso mais me desprender”. Na verdade, sua filmografia cheira a Nordeste, com raríssimas exceções, como o célebre *Vestibular 70*, documentário sobre o exame de entrada para a Universidade de Brasília. A *Pedra da Riqueza*, de 1976, por exemplo, que deu ao cineasta a primeira das três Margaridas de Prata da CNBB que recebeu, fala exatamente da extração da preciosa xelita em Santa Luzia do Sabugi, sertão paraibano. *Incelência Para Um Trem de Ferro*, de 1972, mostra os antigos marias-fumaças dos engenhos. Há os célebres: *O País de São Saruê*, que passou nove anos proibido pela Censura do regime militar e que, por isto, tornou-se uma espécie de símbolo de resistência. *O Evangelho Segundo Teotônio*, de 1984 — sobre o senador alagoano Teotônio Vilella.

Dificuldades — “O nordestino é, antes de tudo, um fraco”, ele anuncia quando fala de todas as dificuldades que tem que penar como homem de cinema. “Padecemos da fragilidade de um país subdesenvolvido e não temos de quem nos valer”, avisa. E completa, quase como em um sonho: “Um país se faz com cultura, educação e imagem”. De imagem, ele entende e tem feito disto seu ofício. De educação, também. No momento, acompanha alunos da Universidade de Brasília em uma pesquisa sobre a torre de televisão da cidade, que certamente resultará em um filme. E tem povo aí também. Esta pesquisa encara a torre como “símbolo da cidade, como uma presença popular muito forte”. Faz mais análises: “A torre, nesta cidade metida a século XXI, tem gente vendendo santo barroco, berimbau e flores coloridas. É aí que quero chegar”. E se quer chegar até lá, o cineasta tem seus moti-

ACÁCIO PINHEIRO



Em *Conterrâneos Velhos de Guerra*, Vladimir tocou na história não-oficial de Brasília

vos e reflexões a respeito; “Um povo que resiste a tanta coisa só merece o respeito e o carinho. Mas este mesmo povo, merecedor de carinho e de maneiras respeitadas, tem também cometido erros desastrosos. Vladimir Carvalho pondera: “O povo é aliena-

do e é quem mais padece em nossa época. Se a classe dirigente está pessimista, como não vai se sentir a classe baixa, que anda perdida?”

Por esta e outras é que o premiado *Conterrâneos Velhos de Guerra* mos-

tra o fim da utopia, o desabamento de uma cidade que começou opulenta, orgulhosa de sua própria arquitetura, desejosa de dias melhores e que desaguou, hoje, em pobreza, miséria e carência. “Uma cidade igual a todas as outras”, é o que diz o cineasta, que começou a rodar seu trabalho lembrando que “Brasília era uma superprodução, com roteiro de Lúcio Costa, direção de Oscar Niemeyer, comandada pela JK Produções”. E que parece, está na década de 90, emperrada como o próprio cinema brasileiro.

Pólo — Aliás, o cinema também faz parte do rol infundável de preocupações e de temas do diretor. Ele é membro do conselho do Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal, programa criado pelo governador Joaquim Roriz para trazer para a cidade-satélite de Sobradinho um centro produtor de filmes capaz de atrair todos os bons nomes do País. Vladimir Carvalho aplaude a idéia e o projeto mas não esquece de citar que “o Pólo não nasceu do nada”. Pelo contrário, “brotou calcado nos nossos ombros, nós os cineastas, como Geraldo Moraes e Pedro Jorge, que sempre fizeram cinema em Brasília sem apoio oficial ou privado”.

Dito isto, Vladimir Carvalho tem sugestões a dar ao Pólo: “Temos que trabalhar com a Secretaria Nacional de Cultura e com o Congresso Nacional para que seja criada uma legislação para o mercado brasileiro de cinema, que não existe”. Sem este conjunto de leis e sem espaço garantido na televisão, *Conterrâneos Velhos de Guerra*, depois do prêmio cubano, pode ir para a prateleira, justamente porque “sem Embrafilme, Concine e Fundação do Cinema Brasileiro, não há como distribuir os filmes e pô-los no mercado exibidor”. E o cineasta teme que, sem esta visão do andamento das coisas, o Pólo brasileiro se desmonte como desmontou-se a Vera Cruz paulista dos anos 50: “Produzia os filmes, alguns deles inesquecíveis, e não tinha como distribuí-los. Acabou na mão dos estrangeiros”.

■ Alexandre Ribondi